

X Oswald - as obras de novos artistas que formados basicamente no país, conquistaram, especialmente nos anos 50/60, premiações nacionais e internacionais que conferiram à gravura brasileira grande prestígio.

A boa reputação conquistada nos anos 50 e 60 estimulou as atividades de ensino, a formação de um ampliado contingente de artista gráficos e a realização de mostras em espaços públicos e privados. Entretanto, esse círculo virtuoso rompeu-se nos anos 70 contrariando todas as perspectivas otimistas de futuro para a gravura brasileira formulada no passado próximo.

A consciência dessa ruptura produziu algumas iniciativas - dentre as quais se destaca a criação, em 1978, da Mostra Anual de Gravura de Curitiba - voltadas para informar, formar e reformar, respectivamente, o público, os artistas, a crítica e o circuito de exposições. Inscreveu-se nesse processo a celebração, em 1992, de um convênio de cooperação interinstitucional entre o Departamento Cultural da UERJ e a Escola de Artes Visuais/Parque Lage, inicialmente, nucleado na montagem de um circuito de exposições voltado para a (re)construção da imagem gráfica no Brasil. Nascia, assim, sob o signo de uma desafiadora construção de futuro uma experiência de cooperação que pretendeu ser, desde a origem, algo maior que o episódico. A regularidade, o padrão qualitativo e a continuidade do fluxo de informações visuais e verbais das exposições da Sala Imagem Gráfica no Parque Lage e na UERJ são maiores que os esforços pioneiros de João Carlos Goldberg e meus, que a sabedoria e generosidade de nossos sucessores Luis Alphonsus Guimaraens e André Lázaro e que o empenho da equipe que lhe deu vida ao longo de todos esses anos. Resta apenas esperar que esta grandeza não seja sepultada (pela imensa massa de mesquinharia e mediocridade que (quase) sempre se avista no horizonte). Esperemos. Agindo.

GEORGE KORNIS

Rio de Janeiro, julho de 1995.